



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

PROJETO: CELULAR E ADOLESCENTES: UM DILEMA ESCOLAR?

MARIA GISÉLIA DA SILVA GOMES

GISELMA DA SILVA GOMES

ANTONIA GIVALDETE DA SILVA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever aspectos relacionados ao uso do telefone celular pelos adolescentes, a fim de mapear um perfil de utilização do aparelho durante as aulas. Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa delineada a partir de um estudo de caso para tentar responder se o professor está preparado para lidar com a situação do uso do telefone celular pelos alunos durante as aulas. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Avelar Brandão Vilela, no município de Teotônio Vilela, Alagoas, com alunos da 8ª série, no turno matutino. Utilizamos como referencial teórico: Setzer (2006), Moreira (2006), Salgado (2002), TAPSCOTT (1999), Romanowshi (2007), Franco (2012), Tardif (2011), Yin (2010).

Palavras-chaves: celular; professor; aluno.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo describir los aspectos relacionados con el uso del teléfono celular por los adolescentes con el fin de trazar un perfil de uso del dispositivo durante la clase. Esta investigación sigue un enfoque cualitativo se indica desde un estudio de caso para tratar de responder si se prepara al maestro para hacer frente a la situación de uso del teléfono móvil por los alumnos en clase. La encuesta se realizó en la Escuela Municipal de Educación Básica Dom Avelar Brandão Vilela, en el municipio de Teotônio Vilela, Alagoas, con estudiantes de octavo grado en el turno de la mañana. El marco teórico: Setzer (2006), Moreira (2006), Salt (2002) Tapscott (1999), Romanowshi (2007), Franco (2012), Tardif(2011), Yin(2010).

Palabras clave: móvil; maestro; estudiante.

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação, desde que surgiram, sempre tiveram presente na vida dos jovens, e, mais que isso, ajudou a formar e difundir a cultura e ideologia de muitas gerações. Com a criação e evolução das tecnologias essas influências passaram a ser mais impactante.

O assunto sobre o uso do celular na escola, principalmente em sala de aula, está dando muito que falar, já há algum tempo. A tecnologia está presente na vida de todos e já faz parte do dia a dia das novas gerações, assim como a televisão fez parte da vida das famílias em décadas passadas. Não temos como ignorar o elo existente entre as novas gerações, avanço tecnológico e os meios de comunicação. As crianças, os adolescentes e os jovens estão intimamente ligados a uma “sociedade digital”, Diante dessa evidência, surgem algumas indagações: como trabalhar algumas dessas questões no espaço escolar? Somos cientes de que o uso da mídia pode favorecer o trabalho na escola, tornando-o mais criativo, envolvente e dinâmico. No entanto, no Brasil, de modo geral, ainda não temos uma formação que “habilite” os educadores a experiências significativas com o uso da mesma, principalmente na rede pública, onde se encontra a maior parte do alunado brasileiro. Apesar de superado o mito de que a máquina substituiria à tarefa do professor, ainda não absorvida a cultura da utilização das tecnologias para enriquecimento da prática docente, prevalece uma resistência para a utilização das mesmas. Quanto aos alunos ocorre o inverso, observa-se uma grande disposição para a utilização seja de computadores, celulares e as específicas funções que estes aparelhos dispõem. Os alunos as reconhecem

rapidamente e as utilizam de maneira simultânea. Essa realidade gera uma grande preocupação para muitos educadores, pois, enquanto a escola não se apropria da utilidade desse aparato tecnológico, ele invade a escola podendo inclusive comprometer a finalidade da mesma no tocante ao ensino e aprendizagem. Sobre este aspecto, falaremos do aparelho celular, que reconhecemos ser importante.

A primeira geração que teve efetivamente uma tecnologia da comunicação participando ativamente da sua formação foi a dos Baby Boomers. Os Boomers são as chamadas “pessoas nascidas entre 1946 e 1964, quando houve uma explosão (boom) do número de nascimento em todo o mundo, principalmente nos EUA, Canadá e Austrália” (TAPSCOTT, 1999, P. 17). Essas gerações nascidas em meio às tecnologias digitais não alimentaram o mesmo gosto que seus pais boomers tinham pela TV. Para a maioria deles, “o ato de assistir TV é uma atividade passiva” (TAPSCOTT, 1999, P. 18). Esses jovens são atraídos por características que a TV que seus pais conheceram não oferecia, por exemplo, a interatividade. Essa nova geração de jovens é chamada “geração net, ou N-GEN, e corresponde às pessoas que em 1999 tinham entre 02 e 22 anos de idade” (TAPSCOTT, 1999, P. 18) e, portanto, hoje tem entre 12 e 32 anos. Ainda podemos concluir nessa faixa os nascidos a partir do século XXI.

Cercados por computadores, videogames, câmaras digitais, celulares 3G, ipods, tocadores de MP3, Internet e todas as tecnologias digitais, os jovens N-GEN são completamente diferentes das gerações anteriores. Isso se reflete em seu modo de se comunicar, de ver e interpretar o mundo, de aprender, de se divertir, de formar sua personalidade. A geração Net não se conforma em ser apenas expectadora dos conhecimentos. Ela cria, modifica, personaliza, expressa sua opinião, critica, analisa, simula, constrói, desconstrói o mundo ao seu redor em tempo real. Ao contrário dos seus pais boomers, acostumados a sentar e receber informações, seja pela TV ou na escola, os nativos digitais estão acostumados a buscar as informações, a conferir mais de uma fonte, a investigar mais profundamente sobre um assunto que os interessa. Além disso, também constroem informações e as transmitem. Essa interatividade tem indiretamente e diretamente dificultado o trabalho de alguns professores acostumados com a prática tradicional segundo Romanowshi:

O enfoque tradicional na prática docente que trabalha com a transmissão do conhecimento pelo professor, o qual deve ser assimilado pelos alunos. Esse enfoque toma por base, a seleção de conteúdos, o ensino enciclopédico, sendo estes, geralmente, desvinculados do cotidiano dos alunos. A aula expositiva é o procedimento mais utilizado (...). A avaliação é rigorosa e centrada na reprodução dos conteúdos sempre privilegiando a reprodução de informações...(ROMANOWSKI, 2007, p. 51).

Neste sentido a relação entre o professor e o aluno é verticalizada e autoritária, as aulas devem ocorrer com poucas perguntas em silêncio, calados, ouvindo o professor. Porém, esse não é o perfil dos jovens alunos de hoje, por isso, o choque e os conflitos existentes dentro das salas de aulas. Atualmente, o enfoque construtivista, fundamentado nos estudos piagetianos, compreende que o desenvolvimento é construído por interação entre sujeito e objeto, decorrente das sucessivas transformações de esquemas internos. Esse modelo caracteriza-se na construção da cognição:

O método de ensino consiste em problematizar, por meio das ações sobre os objetos e sobre os conhecimentos, para que o próprio aluno possa reconstruir-se como aprendiz. A tomada de consciência de seu próprio processo de conhecer favorece a melhoria no processo de aprendizagem e desenvolvimento. (ROMANOWSKI, 2007, p. 53).

Para lidar com os alunos precisa ter muita sensibilidade, pois, o “material” do trabalho dos professores são seres humanos com características individuais e sociáveis por natureza, pelos os quais o professor irar gerir relações humanas, individuais e sociais simultaneamente. A atividade do professor tem o elemento humano como seu determinante e dominante. Assim, os professores precisam enxergar os alunos como atores da educação e não como os jovens da geração boomers. Para Tardif, (2011, p. 118) ensinar é, corretamente, “desencadear um programa de interação com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimento e a socialização.” O ensino se assemelha mais a atividade política ou social que à mera técnica. Nestas relações, o desinteresse pode se manifestar por parte dos alunos, se as aulas não forem atraentes para eles. Apesar de que “nada nem ninguém pode forçar um aluno aprender se ele mesmo não se empenhar no processo de aprendizagem” (TARDIF, 2011, p. 132), é preciso provocar o interesse – condição subjetiva e saber fazê-lo nos aprendizes. Para tanto, o professor precisa renovar e criar metodologias, para que possa atender aos anseios dos alunos, (SACRISTÁN, 2005, p. 200) assinala que “não podemos deixar de sugerir a eles conteúdos atraentes”, não dando espaço para que os mesmos se distraiam com outros elementos como, por exemplo, os telefones celulares durante as aulas.

Aí está o grande desafio da didática hoje, segundo Franco (2012, p. 150) “tornar o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros “ensinos” que invadem a vida dos alunos.” Ou seja, o ensino escolar deve tornar-se uma prática que constitui em paratexto da escolavida (FRANCO, 2012, p. 150), melhor dizendo, a escola deve caminhar no meio do processo que ocorrem para além dela, a fim de garantir o ensino de conteúdos e práticas tidas como

fundamentais na formação dos alunos. No complemento do processo ensino aprendizagem na escola/aluno caberá a didática saber escolher, como ingrediente de ensino

As aprendizagens de outras fontes, de outros mundos, de outras lógicas para incorporá-los na qualidade de seu processo de ensino na ampliação daquilo que se considera necessário no momento pedagógico do aluno. (FRANCO, 2012, P. 151)

Na realidade social a aplicação dos conteúdos é circunstancial levando em consideração a determinado momento pedagógico, ou seja, a seleção de práticas está cada vez mais diferenciada. Ensina-se mais leitura do mundo e poucas informações do mundo. Diante de tantos desafios e dificuldades na educação atualmente quais práticas pedagógicas os professores devem aplicar no processo ensino aprendizagem? As redes educativas tão complexas, vinculadas à mídia, a TV, às redes sociais on-line, à internet, neste século, tem gerado grande influência nas novas gerações, as escolas e professores estão preparados para potencializar essas ferramentas ao processo educativo e formativo dos alunos? O grande desafio está como usar coerentemente e corretamente essa multiplicidade de influência tecnológica dentro da escola.

Partindo da situação exposta acima, nosso objetivo é descrever aspectos relacionados ao uso do telefone celular pelos adolescentes, a fim de mapear um perfil de utilização do aparelho durante as aulas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Educar pressupõe

“colaborar, em grupo de pessoas com o nascimento das sensibilidades culturais, políticas e técnicas que as tornarão autênticos membros de um público não de uma massa realmente liberal; e ao mesmo tempo um treinamento de capacidade e uma educação de valores...” (TORRES, 2003, p. 211).

A educação deve ser um processo de construção de aprendizagens em que procura formar cidadãos críticos, conscientes, ativos e criativos na sociedade.

No contexto histórico da educação brasileira, com a oferta da expansão do ensino público, as políticas públicas educacionais passaram a se concentrar nos aspectos relacionados à permanência do aluno na escola, como também na qualidade dos serviços oferecidos, segundo Paulo Freire:

“[...] a educação ou ação cultural para a libertação; em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciência “intencionada” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente”. (FREIRE, 1984, p.99)

De acordo com Freire, tanto os educandos quanto os educadores transferem conhecimento e conseqüentemente compartilham o aprendizado do seu cotidiano para a transversalidade da educação. Porém, a realidade nos traz, durante o pleno exercício da profissão, problemas como preconceito social e racial, medo, drogas, marginalidade e até mesmo a burocracia que submete professores à hierarquia de poder, e conseqüentemente, tolhe sua vontade e condição de desempenhar um papel comprometido com a formação de indivíduos críticos, ativos e autônomos. No entanto, o jovem aluno tem expectativas bastante sensatas em relação à escola, espera sentir-se parte dela e poder dela se orgulhar. Para isso, quer que ela tenha uma “cara própria” e que lhe ofereça canais de participação, além da oportunidade de se envolver em questões que digam respeito a ele mesmo e a sua comunidade, como as relacionadas à saúde (sexualidade, drogas), meio ambiente e qualidade de vida.

Como espaço de aprender a ser e de aprender a conviver, a escola é também um espaço onde o jovem pode e deve exercitar o protagonismo, atuando efetivamente nela, apresentando propostas, promovendo discussões que digam respeito à vida escolar ou ao interesse da comunidade, participando de organizações como grêmios ou outros grupos de seu interesse - teatro, dança, banda ou jornal - capazes de contribuir para a construção ou o fortalecimento da identidade da escola.

Apesar de todos os problemas, a escola ainda se mostra um espaço atraente para adolescentes e jovens pela possibilidade do encontro com outros jovens. Os corredores, pátios e outras dependências transformam-se em espaços privilegiados de convivência, e por isso mesmo, são considerados interessantes. Algumas escolas reconhecem a importância dessa convivência e procuram favorecê-la fazendo com que adolescentes e jovens se apropriem do espaço escolar e reforcem os laços de identificação com a escola.

Junto com seus iguais, longe do controle dos adultos, consumindo ou produzindo cultura, os jovens e adolescentes podem manifestar suas dúvidas, angústias, trocar conhecimentos, realizar desejos, experimentar comportamentos e atitudes, elaborando suas identidades e seus modos de se relacionar com o mundo.

Situando-se na mediação entre o espaço público e o privado e tendo o foco de sua ação na construção e socialização de conhecimentos, valores e atitudes, a escola tem a possibilidade de ajudar o aluno a fazer uma tradução crítica das vivências que traz, mostrando-lhe novas possibilidades de leitura, tanto de si e quanto do mundo, tornando-se, assim, uma referência para eles. Pela importância socialmente atribuída à escola, pela peculiaridade de seu papel, pelo tempo em que adolescentes e jovens nela permanecem; ela tem grande potencial para tornar-se um espaço em que esses alunos vejam suas questões, dúvidas, angústias e descobertas acolhidas e trabalhadas de forma a ampliar o campo no qual constroem suas identidades e projetos. Reconhecer como legítimas as experiências que eles vivenciam, nos mais diversos espaços, torna-se condição para que o conhecimento escolar tenha sentido.

A escola pode, ainda, interferir positivamente junto aos jovens, no que se refere ao comportamento de risco e à transgressão, próprios dessa fase, para assumir firmemente seu papel em questões como a prevenção do uso das drogas, uso adequado de ferramentas tecnológicas ao seu favor, mas para tanto, a escola precisa ter a tranquilidade necessária à compreensão de qualquer problema e jamais estigmatizar os alunos que porventura façam esse uso.

Contrário a Setzer (2006), Moreira (2006) afirma que educar, numa sociedade em mudanças rápidas e profundas como atual, implica um reaprender a ensinar e aprender, a construir modelos diferentes dos que já se conhecem até agora.

Neste sentido vale apenas citar Salgado, quando coloca que:

O professor deve conhecer que pode adquirir novos conhecimentos de informática, mesmo que seus conhecimentos sejam mínimos; Além disso, e fundamentalmente, deve reconhecer-se com participante de uma nova sociedade, em rápida transformação, em que a alfabetização tecnológica é vital para seu aperfeiçoamento pessoal e profissional. (SALGADO, 2002, p. 29).

Neste caso o professor deve primeiramente romper com as barreiras pessoais, causadas por concepções errôneas a respeito do uso das tecnologias na educação. Vencendo essas barreiras, o professor pode buscar, através das formações continuadas e contínuas (TARDIF, 2011, P. 287), os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento pessoal e profissional em sala de aula, conciliando as tecnologias às atividades tradicionais de ensino, adaptando os espaços da sala de aula aos modelos pretendidos com relação à instrumentalização e à manipulação de ferramentas tecnológicas na construção do saber.

A escola proporciona momentos de reflexão de qualidade distinta daquela exercida em outros âmbitos; pode, também, contribuir para que percebam e reflitam sobre diferentes projetos propondo como foco de sua influência a ampliação e a problematização das escolhas possíveis; pode, inclusive, ser reconhecida pelos alunos como um espaço que acolhe suas questões e contribui para que encontrem respostas para seus questionamentos.

A escola precisa, portanto, ser acolhedora; estruturar-se de maneira viva, dinâmica estimulando os alunos a se manifestar, a organizar atividades que favoreçam o convívio extraclasse; favorecer a ação autônoma e a participação em instâncias da gestão escolar; proporcionar e incentivar uma comunicação intensa e livre, para trabalhar na perspectiva do diálogo com os estudantes tendo como referência as culturas juvenis das quais participam, visando o desenvolvimento de suas capacidades, a ampliação e o enriquecimento dos referenciais para a construção de identidades e projetos de que dispõem, seja no tratamento das áreas e temas transversais, seja no convívio social que possibilita aos seus alunos e professores uma boa convivência.

Desta forma a escola poderá cumprir seu papel principal, que é o de propiciar a formação da “consciência crítica” necessária aos alunos para que eles conquistem não só o letramento exigido dentro dela, como também aqueles que surgem e se desenvolvem fora dela, não menos importantes no seu processo de formação pessoal.

Das etapas da vida humana corrente, existem duas que, por serem as formativas do caráter e preparatórias do espírito para a luta, merecem a mais acentuada preocupação por parte dos pais, dos professores que tenham como encargo a tarefa de educar, e das autoridades cuja função seja a de zelar pelo futuro das gerações jovens: a infância propriamente dita, que vai até os doze anos, e a juventude, que, partindo da adolescência, se interna na vida depois dos vinte e cinco anos, oportunidade em que esta haverá de exigir, como dever irrecusável, uma contribuição à sociedade humana em termos de cultura, capacidade e iniciativa.

É uma verdade inegável que a educação da infância e da juventude tem sido visivelmente descuidada em quase todos os povos do mundo, apesar de geralmente se pensar que, nas salas de aula das escolas, o aluno recebe educação suficiente e que, cumpridos os programas de estudo, ele terá completado sua preparação. Segundo Pecotche,

A experiência já demonstrou que não é assim. As crianças precisam ser preservadas de todo elemento nocivo ou pernicioso para seu espírito: escutar conversações impróprias para sua idade, ou delas participar; companhias inadequadas; leituras inconvenientes; filmes não recomendáveis para sua incipiente reflexão, etc. (PECOTCHE, 2010, p, 121).

Quanto à juventude, faz-se imprescindível uma preparação que lhe permita enfrentar com inteligência e valentia as contingências da vida; em poucas palavras, o que a alma do jovem requer são estímulos sadios e nobres, como

também raciocínios férteis sobre sua conduta e as perspectivas que, de acordo com ela, haverão de se abrir para o seu futuro. Acima de tudo isso, será mister orientá-lo sobre as experiências instrutivas das lutas diárias, sobre modos de conduzir-se e, principalmente, sobre a importância que seu próprio porvir tem para ele e para a sociedade.

Parece, e muitos são os motivos pelos quais isto já pôde ser confirmado, que em todos os povos do mundo os afãs da sociedade humana tenderam a formar profissionais da ciência, da política, do comércio, da indústria, etc., mas não a formar homens, homens a quem os próprios povos poderiam confiar seus altos destinos em todos os aspectos da vida política, social e cultural, com miras perduráveis de progresso e unidade moral.

Sabe-se que nem todos os jovens oferecem as condições requeridas para cumprir, mais tarde, altas funções em quaisquer das atividades em que, por sua inclinação natural e vocação, lhes tocasse atuar, e que nem todos serão chamados a assumir responsabilidades de vital importância em posições que requeiram a influência efetiva da capacidade pessoal, ou seja, uma competência superior; mas não haverá dúvida de que um treinamento adequado permitirá que sejam muitos mais os que se capacitem e se destaquem num amanhã, quando a pátria, e talvez a humanidade, deles necessite.

3. METODOLOGIA

O processo educativo, hoje, não pode se restringir apenas ao chamado “giz e lousa”. Os alunos são frutos da sociedade midiática, convive com informação rápida da internet e o bombardeio de imagens oriundos da TV. Não se trata de “aposentar” o livro ou a exposição oral, mas sim, de atualizar os instrumentos tecnológicos, a linguagem para que o professor, de fato possa estabelecer um vínculo de comunicação com os discentes.

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa delineada a partir de um estudo de caso para tentar responder se o professor está preparado para lidar com a situação do uso do telefone celular pelos alunos durante as aulas. No procedimento qualitativo foram aplicados questionários na perspectiva de atingir 75% dos professores e alunos da 9º ano do turno matutino da instituição em estudo, para garantir uma amostra plausível de ser analisada.

A partir do resultado da pesquisa qualitativa podemos averiguar com mais precisão as reais situações do uso do aparelho celular em sala de aula. Pelo resultado da entrevista aos professores foi observado se os mesmos conhecem os mecanismos das novas tecnologias e as diferentes linguagens e ferramentas utilizadas pelos jovens alunos. Pelo depoimento dos alunos analisamos como as novas ferramentas tecnológicas inclusive o telefone celular está sendo usados por eles e qual sua utilidade em sala de aula.

A pesquisa qualitativa articula interpretação empírica dos dados sociais, políticos e ideológicos, avessos às condições das ações sociais. Os dados empíricos são gerados no vazio social e na assimetria de poder gerado na prática social. Exatamente por isso que não se pode negar o fundamento epistemológico dos paradigmas, que nasce da confluência entre “o sujeito, o objecto e o objecto do conhecimento” (SARMENTO, 2003, P. 141).

Segundo Goldenberg (1998, p. 53) “os dados qualitativos consistem em descrição detalhadas de situações com o objeto de compreender os indivíduos em seus próprios termos,” a natureza da pesquisa qualitativa está inserido no método indutivo, e justifica-se pelo fato de proporcionar ao pesquisador a captura do objeto e de realizar levantamento de variáveis por corresponder à expectativa do problema da pesquisa.

Situada a abordagem qualitativa da pesquisa, optamos pelo estudo de caso. A escolha pelo estudo de caso em detrimento de outros estudos, pelo diferencial do Lócus e sujeitos admitidos neta investigação.

Como método de pesquisa, o estudo de caso “é usado em muitas situações, para contribuir ao conhecimento dos fenômenos individuais, políticos e relacionado” (YIN, 2010, P, 24). Estudo de caso é definido por Yin (2010, p. 39) como um exame empírico que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são absolutamente evidentes”.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2015, com alunos (13 á 16 anos, 9º ano, turno matutino) e professores (disciplinas: História, Matemática, Arte, e Língua Portuguesa) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Avelar Brandão Vilela, no município de Teotônio Vilela, Alagoas.

4. DSCUSSÕES DOS RESULTADOS

Manter a concentração dos alunos sempre foi um desafio enorme para o professor por mais habilidoso que ele ou ela seja na “arte de ensinar”. Atualmente com o uso das novas ferramentas pelos alunos o nível de desafio dos professores tem aumentado. Tem sido comum a proibição pelas escolas do uso de celular durante as aulas. Mas será que essa é a melhor atitude? Será que os alunos não utilizam realmente o celular durante as aulas? Para responder esses questionamentos analisamos as respostas dos alunos e professores aos questionários da pesquisa.

Ao observarmos o resultado do questionário respondido pelos professores vimos que 100% dos mesmos afirmaram que não permitem que seus alunos utilizem o celular em sala de aula e que pedem pra guardar, ou toma e só devolve no

final da aula. Todos os professores entrevistados também afirmaram que acreditam que os alunos que utilizam celular em sala não tem um maior aproveitamento com relação aos que não o utilizam. Todos confessaram também que não costumam utilizar esta tecnologia com forma de incremento a metodologia em sala de aula, como uma ferramenta de pesquisa ou ensino na aprendizagem dos alunos. Ao serem questionados se o celular pode ser uma ferramenta para ajudar nos estudos e de que forma, 2% acha que não, 98% acredita que pode ser uma ferramenta de pesquisa e ao serem questionados se usam o celular em sala de aula apenas 2% afirmou utilizá-lo e 98% disseram que não. Todos os professores acreditam que o uso do celular em sala de aula é um abuso, uma distração, um vício, apesar, dos 2% ter afirmado utilizá-lo vez ou outra. Nenhum professor entrevistado tem conhecimento se a escola possui algum projeto em que se utilize celular/smarthphone como instrumentos metodológico de ensino-aprendizagem aos alunos.

Ao perguntarmos aos alunos se possuíam celulares 99% responderam que sim pelos menos um aparelho, apenas 1% que não; com relação ao tempo de utilização do celular os alunos responderam que usam em média cinco a vinte quatro horas por dia; ao questionarmos pra que eles utilizam o celular, 9% responderam que usam em pesquisa na internet, 12% em redes sociais, 7% mensagens e comunicações, 3% em jogos e aplicativos e 2% em outras atividades; ao interrogarmos se usam o celular na sala de aula e para quê, 95% disseram que não liga o celular na aula, 5% afirmaram que usam, pra atender ligações e jogar ou nas redes sociais; Ao perguntarmos se o uso afeta positivamente ou negativamente no seu desempenho em sala de aula, os alunos em 100% afirmaram que o uso do celular prejudica sim na aprendizagem, mesmo assim, alguns afirmaram que utiliza o aparelho durante as aulas; Indagamos se escola proporciona alguma atividade ou incentiva o uso do celular como forma de complemento aos estudos, 100% dos alunos respondeu que não; perguntamos se eles já utilizaram o celular como forma de estudo ou pesquisar assuntos relacionados à matéria ou tirar dúvidas, 97% disseram que sim e 3% que não; questionamos se eles acham que o celular pode ser uma ferramenta de ajuda nos estudos, 96% afirmaram que sim, já 4% acham que não; procuramos saber com que frequência eles trocam de celular, 97% dos alunos responderam que a cada 1 ano ou mais, 3% entre 6 meses e 1 ano; indagamos qual o principal motivo da troca dos celulares, 40% disseram devido defeito ou falha do aparelho e 60% afirmaram que é por um modelo mais avançado.

Pelo resultado da pesquisa, observamos que os professores não estão preparados para trabalhar com essa ferramenta em sala de aula. Ficou constatado também que na escola não há nenhum projeto ou atividade que possa oferecer aos professores condições de uso do celular durante as aulas como instrumento de aprendizagem, já que os alunos afirmaram que usam o celular durante as aulas, mesmo sendo proibidos pelo regimento escolar. Tanto os alunos como os professores colocaram que o uso do celular durante as aulas prejudica na aprendizagem, devido à atenção está voltada ao celular, as redes sociais, bate papo e não as explicações dos professores. Por isso, que os professores recolhem os aparelhos celulares, que segundo Tardif essas decisões dos professores são tomadas de acordo com as normas estabelecidas pelas instituições, a saber:

Para tomar uma decisão, ele (professor) se baseia com frequência em valores morais ou normas sociais; aliás, uma grande parte das práticas disciplinares do professor se baseia em juízos normativos reativos às diferenças entre o que é permitido e o que é proibido (TARDIF, 2011, P.66).

Percebemos que com o uso constante do telefone celular pelos jovens, os pais e professores precisam ter a sabedoria para lhes ensinar que, apesar de um mundo virtual e fascinante que o avanço da tecnologia lhes proporciona, há também um mundo real e concreto em que os relacionamentos também necessitam ser formados e cultivados. É importante uma formação que prepare o cidadão para lidar com elas, de maneira autônoma e construtiva, auxiliando a resolver os problemas práticos que surgem no dia a dia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário re-contextualizar a educação nessa nova realidade, analisando as mudanças de comportamento dos jovens ocasionado por esse processo amplo e global impulsionado pelo avanço tecnológico, como também pela reorganização dos setores produtivos e culturais da sociedade. Como resultado desse processo, a educação está passando por uma transição de paradigmas, adquirindo relevo e evidências como meio para estabelecer as bases da sociedade da informação e do conhecimento. As novas tecnologias por si só não resolvem o problema da educação, porém, a radicalidade, não é consoante com a realidade social e cultural que vivemos. Se, por exemplo, a TV dispensa a interpretação, cabe o professor estimular essa leitura. Não existe lugar para a exclusão da TV, vídeos, computadores, telefone celular ou internet na sala de aula. Há, sim, espaço para pensar como estas tecnologias estão sendo utilizadas e como elas podem ser utilizadas no processo de aprendizagem, pois não se pode colocar sobre essas tecnologias toda responsabilidade do sucesso ou insucesso dos alunos, devem ser vistos como ferramentas que auxiliam o ensino.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Usos e abusos dos estudos de caso. Caderno de pesquisa.** São Paulo, fundação Carlos Chagas/ Cortez, n. 129. 2006.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Sontoro. **Pedagogia e prática docente.** 1º Ed. Cortez. São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1984.

GOLDEBRG, M. A. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Recor, 1998.

MOREIRA, Marco Antonio. **A teoria da Aprendizagem Significativa e sua Implementação na sala de aula.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006ª.

ROMANOSWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente.** 3 ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

SALGADO, Luciana Maria Allan. **PCN+Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMETE, 2002. 244p.

SARMENTO, M.J. **O estudo de caso etnográfico em educação:** In: ZAGO. Nadir; CRVALHO, M, P.; VLELA, R, T. (Orgs). Itinerários da pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PECOTCHE. Carlos Bernardo González. *Trechos extraídos de artigo da Coletânea da Revista Logosofia Tomo I, 2010.* www.logosofia.org.br ›

SETZE. Encontra-se disponível e: [HTTP://www.ime.usp.br/~vwsetzer/estado-281104.html](http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/estado-281104.html)> acesso em 21/11/2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 12 ed. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 2011.

TAPSCOTT, DAN. **Geração Digital. A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net.** São Paulo: Makron Books, 1999.

TORRES Santomé, Jurjo. **Educação em Tempos de Neoliberalismo.** Porto Alegre: artmed, 2003.

YIN, Robert k. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pós-Graduada em Gestão Ambiental pela mesma Instituição. Pós-graduanda em Ensino de História pelo Instituto Prominas. Atualmente é professora na rede pública da rede Municipal de Teotônio Vilela. Endereço: Rua Vereador José Faustino, 425 – Centro, Teotônio Vilela, Alagoas – CEP: 57265/000. Email: zeliasg@ig.com.br

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pós-Graduada em Gestão Ambiental pela mesma Instituição. Pós-graduando-se em Ensino de História pelo Instituto Prominas. Atualmente é professora na rede pública da rede Municipal de Teotônio Vilela. Endereço: Rua Vereador José Faustino, 425 – Centro, Teotônio Vilela, Alagoas – CEP: 57265/000. Email: giselmagomes@ig.com.br

[1] Mestra Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM) com foco em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professora nas redes Municipal e Estadual de Educação de Teotônio Vilela. Endereço: Rua Vereador José Faustino, 425 – Centro, Teotônio Vilela, Alagoas – CEP: 57265/000. E-mail: toniagsilva@ig.com.br

Recebido em: 19/06/2015

Aprovado em: 29/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: